

# Toponímia e línguas indígenas: um estudo de caso com base na toponímia sul-mato-grossense

*Toponymy and indigenous languages: a case study based on the toponymy sul-mato-grossense*

Camila André do Nascimento da SILVA\*  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Aparecida Negri ISQUERDO\*\*  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMSCNPq)

**RESUMO:** Este trabalho discute aspectos da contribuição vocabular ameríndia em designativos toponímicos que nomeiam acidentes físicos e humanos da zona rural da microrregião de Paranaíba/MS. O *corpus* analisado foi extraído do Sistema de Dados do ATEMS (Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul), complementado por dados oficiais do IBGE/2010. A análise dos dados foi orientada pelo modelo teórico-metodológico de Dick (1990; 1992). Para as questões de natureza etimológica e de língua de origem dos topônimos, foram consultadas obras lexicográficas de línguas indígenas, tais como Sampaio (1928); Tibiriçá (1985; 1989); Navarro (2013) e Cunha (1999). Os resultados confirmam que a toponímia indígena examinada evidencia aspectos da influência de fatores de natureza física na nomeação dos acidentes geográficos. Em relação à língua de origem dos topônimos os dados evidenciaram a predominância do português e uma presença significativa de topônimos oriundos de línguas indígenas, com maior incidência do Tupi.

**PALAVRAS-CHAVE:** Onomástica. Toponímia indígena. Léxico. Mato Grosso do Sul.

**ABSTRACT:** This paper discusses aspects of Amerindian vocabulary contribution in toponymic designations that name physic and human geographic accidents in the rural area, of the micro region of Paranaíba/MS. The analyzed *corpus* was obtained from the database ATEMS (Atlas of the State of Mato Grosso do Sul), complemented by official data from IBGE/2010. Data analysis was oriented theoretical-methodological model by Dick (1990; 1992). About questions of etymological nature and language of origin of the toponyms, lexicographic works of indigenous languages were consulted, such as: Sampaio (1928); Tibiriçá

---

\* Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas/MS – UFMS/CPTL. E-mail: camilandreufms@hotmail.com.

\*\* Doutora em Letras pela UNESP/Araraquara (1996). Docente aposentada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atua como Professora Visitante na Pós-Graduação stricto sensu da UFMS: Estudos de Linguagens/FAALC e Letras/CPTL. E-mail: aparecida.isquerdo@gmail.com.

(1985; 1989); Navarro (2013) and Cunha (1999). The results confirm that the indigenous toponymy examined highlights aspects of the influence of physical factors in the naming of geographical accidents. In relation to the source language of toponyms the data showed the predominance of Portuguese was registered and a significant presence of toponyms from indigenous languages, with a higher incidence of Tupi.

**KEYWORDS:** Onomastic. Indigenous toponymy. Lexicon. Mato Grosso do Sul.

## **Introdução**

Refletir sobre a configuração da toponímia no Brasil é também reportar-se às raízes da formação da sociedade brasileira e considerar a multiplicidade de línguas e de culturas que conviveram entre si em graus distintos de interinfluências, particularmente nos primeiros séculos da colonização, e que se entrecruzaram e se amalgamaram dando origem à variedade brasileira da língua portuguesa. Assim, nesse contexto a toponímia brasileira também reflete essa realidade à medida que, além da herança lusitana, incorpora a influência de diferentes línguas indígenas, africanas e de outras línguas estrangeiras de povos que aportaram no território brasileiro. Segundo Dick (1992, p. 8), o estudo toponímico comporta considerações referentes a três adstratos linguísticos: o português, o africano e o indígena. A presença marcante de nomes indígenas na toponímia justifica o fato de as primeiras pesquisas toponímicas no Brasil terem recebido “um enfoque de natureza ameríndia”, considerando-se que a influência indígena representa um diferencial da toponímia brasileira (DICK, 1994, p. 435).

Nesse cenário não pode ser desconsiderado o fato de haver entre as diferentes etnias indígenas um sentimento nacionalista considerado vencido por muitos estudiosos da área. Sampaio (1928, p. I e II), todavia, entendia que “da raça americana, vencida, nem tudo se perdeu e que se, no sangue dos descendentes, a dosagem diminui a se apagar, a memória dos primitivos íncolas perdurará com os nomes dos lugares onde a civilização ostenta os seus triunfos”, evidenciando que “a predileção do brasileiro pelos nomes indígenas na denominação dos lugares é hoje tão acentuada que a toponímia primitiva vai aos poucos se restaurando e às localidades novas dão-se de preferência nomes tirados da língua dos ameríndios tupis” (SAMPAIO, 1928, p. I).

Bordoni (s/d. p. 11), por sua vez, nessa mesma óptica, considera que “a frequência com que são usadas palavras da língua TUPI para denominar acidentes geográficos na nossa geografia afiança, de muito, a importância desta no conceito do povo brasileiro”. Na perspectiva do mesmo autor,

As línguas dos povos de cultura primitiva em extinção ou não fazem parte de um acervo cultural, indispensável para qualquer nação civilizada que tem consideração pelas suas raízes históricas e que zela pela imortalidade do que há de mais autêntico e puro, que é o complexo de usos, costumes e falares de seus antepassados (BORDONI, s/d, p. 11).

## **1. A Toponímia: considerações**

Os estudos sobre a toponímia tiveram início na França, por volta de 1878, com os trabalhos de Longnon e tinham como objetivo recuperar a etimologia dos nomes, ou seja, apenas o *dado linguístico* era foco de investigação toponímica (DICK, 1992, p. 1). Ainda segundo a mesma autora, em 1922, a obra de Dauzat muda o rumo dos estudos toponímicos ao propor a investigação do *fato linguístico*, à medida que tinha como propósito examinar, além da etimologia, o significado da unidade lexical investida de função toponímica, o topônimo. As contribuições de Dauzat (1922) serviram, ao longo do século XIX, para consolidar e expandir as pesquisas toponímicas na Europa e em outros continentes (DICK, 1992, p. 1). Enfim, coube aos franceses Longnon e Dauzat o mérito de despertar o interesse pelas pesquisas toponímicas no âmbito dos estudos linguísticos.

No Brasil, Cardoso (1961) e Drumond (1965) deram os primeiros impulsos aos estudos da toponímia indígena, mas foi a partir de 1980, com a defesa da Tese de Doutorado de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick<sup>1</sup>, na Universidade de São Paulo, sob a orientação de Carlos Drumond, que a pesquisa toponímica ganha novo elã no Brasil.

Dick (1990, p. 36) esclarece que, como ramo da Onomástica, a Toponímia estuda a significação dos nomes de lugares, considerando também possíveis influências de aspectos geográficos, históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que

---

<sup>1</sup> Título da Tese: *A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxionômicos*. O trabalho foi publicado em 1990 com o título *Motivação toponímica e a realidade brasileira*, versão consultada para este estudo.

motivaram o surgimento de nomes de lugares e a sua subsistência. Para a autora, a Toponímia é uma disciplina vinculada à ciência linguística que tem como objetivo investigar o léxico toponímico de uma região, considerando-o como expressão linguístico-cultural de um determinado grupo social, existente ou preexistente, na área geográfica que abriga o topônimo, tendo em conta, na medida do possível, o resgate da possível atitude do homem no ato de nomeação.

Isso porque, conforme Dick (1990), a nomeação de um lugar não se dá de maneira aleatória, razão pela qual pode revelar informações significativas em relação à língua em uso na região no ato da nomeação e aos costumes e valores do denominador. Além disso, a toponímia pode revelar acontecimentos históricos e influências decorrentes do contato entre grupos étnicos. Na próxima seção, são tecidas considerações específicas a respeito da toponímia indígena.

## **2. A toponímia indígena**

O estudo da toponímia brasileira demanda também considerações acerca do adstrato da língua dos colonizadores do território; do substrato linguístico dos povos autóctones e dos adstratos das demais línguas faladas por todos os povos que fizeram parte da formação histórica do povo brasileiro, tendo em vista que

A formação etno-histórica do Brasil acusa a existência de estratos populacionais diversos como os ameríndios, distribuídos em vários troncos, os portugueses, os africanos, e os de procedência estrangeira, já em época posterior à colonização propriamente dita. Essa origem heterogênea deixou reflexos diferenciados na língua, nos usos e costumes, nas tradições regionais e, conseqüentemente, na toponímia do país (DICK, 1982, p. 75).

Na verdade, Dick (1982, p. 75) parte do princípio de que “a ocorrência de falantes distintos no território brasileiro acabaria por marcar, também distintamente, a toponímia local”. Quando os europeus chegaram ao Brasil, depararam-se com uma nomenclatura indígena básica que foi incorporada à toponímia que então se constituiu, razão pela qual “a toponímia portuguesa envolve características históricas peculiares, porque veio em substituição à uma nomenclatura indígena já estabelecida”. Além disso, é preciso ter em conta a presença dos “nomes transplantados”, ou seja, o “designativo geográfico que existe como tal em um determinado espaço e que passa a integrar a

nomenclatura de outra região qualquer, trazido pelo próprio povo que emigrou, ou influenciado por um mero mimetismo” (DICK, 1982, p. 83)<sup>2</sup>.

A nomeação, conforme Dick (1990), configurava-se como uma atividade cotidiana para os europeus na “descoberta” de novos povos e de realidades no continente recém-descoberto. À época da colonização das terras brasileiras, os colonizadores portugueses tinham urgência em demarcar o novo território e, conseqüentemente, imprimir a marca da colonização lusitana no novo “paraíso”. Nesse processo, topônimos de origem indígena foram apagados, reorganizados e um grande contingente de acidentes geográficos foram rebatizados, com o objetivo de conferir à nova terra “marcas” lusitanas<sup>3</sup>. A esse respeito, Sampaio (1928, p.34) esclarece que

Denominações geográficas, explicáveis e naturalíssimas numa época em que o tupi era a língua geral ou a mais falada no país, são agora para as modernas gerações verdadeiros enigmas que as alterações cotidianas ou as inevitáveis corruptelas vão tornando indecifráveis. Portanto, preservar-lhes a grafia verdadeira, e a verdadeira pronúncia, fixar-lhes o significado, interpretado através do véo obscuro dos metaplasmos, vale tanto como resguardar um monumento histórico.

Nessa perspectiva, é possível considerar que a toponímia indígena no Brasil foi estruturada a partir de elementos formadores da etnia brasileira, uma vez que as denominações dos acidentes geográficos são tão mestiças e heterogêneas quanto o próprio povo.

### 3. Questões metodológicas

O estado de Mato Grosso do Sul (MS), localizado no sul da região Centro-Oeste do Brasil, abriga 79 municípios e 165 distritos, distribuídos por quatro *mesorregiões* que, por sua vez, reúnem onze *microrregiões*<sup>4</sup>. A *microrregião de Paranaíba*, universo deste estudo, pertence à mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul e o seu território

---

<sup>2</sup> Cf. a respeito de nomes transplantados Isquierdo e Figueiredo (2012).

<sup>3</sup> Cf. Isquierdo (2016) sobre a herança lusa na toponímia da região Norte do Brasil.

<sup>4</sup> A Divisão Regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas foi aprovada pela Presidência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por meio da Resolução PR-51 de 31 de julho de 1989. Em 2017, o IBGE lançou uma nova Divisão Regional a partir de outros referenciais denominadas, respectivamente, como regiões geográficas *intermediárias* e regiões *imediatas*.

abriga quatro municípios: *Aparecida do Taboado, Inocência, Paranaíba e Selvíria* (IBGE/1990)<sup>5</sup>.

Como já assinalado, este trabalho analisa um recorte da toponímia indígena do estado de Mato Grosso do Sul, centrando-se no exame de topônimos que nomeiam acidentes físicos e humanos da área rural dos quatro municípios localizados na microrregião de Paranaíba, tendo como fonte o Sistema de Dados do Projeto ATEMS<sup>6</sup>. Sublinhe-se que o Projeto ATEMS orienta-se, fundamentalmente, pelo modelo teórico-metodológico de Dick (1990; 1992). O Sistema de Dados informatizado que abriga o *corpus* do projeto foi desenhado com base nos itens da ficha lexicográfico-toponímica do Projeto ATEMS que, por sua vez, resultou da adaptação do modelo original de Dick (2004) às necessidades do projeto. Para cada topônimo catalogado a partir de pesquisa nos mapas oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>7</sup> foi preenchida uma ficha. A análise dos dados aqui apresentada foi orientada pelas mesmas diretrizes metodológicas adotadas pelo Projeto ATEMS. Assim, o conjunto de topônimos em exame, em termos de motivação, foi classificado segundo o modelo de Dick (1992, p. 31-34)<sup>8</sup>.

O exame dos dados analisados do ponto de vista da estrutura do sintagma toponímico considerou as situações em que a presença indígena se manifesta no elemento específico do sintagma, ou seja, no topônimo propriamente dito: i) em topônimos de estrutura morfológica simples (Rio *Paranaíba*; Fazenda *Sabiá*) e/ou como primeiro elemento de topônimos compostos híbridos (Fazenda dos *Cupins* da Matinha; Fazenda *Capão Grande*), casos em que, na estrutura do sintagma toponímico, o formante de base indígena configura-se como o elemento básico para fins de classificação do topônimo em termos semânticos, segundo Dick (1990; 1992); ii) topônimos compostos híbridos em que o formante de origem indígena figura como

---

<sup>5</sup> Os dados analisados neste artigo foram coletados do Sistema de dados do Projeto ATEMS em 2017.

<sup>6</sup> Trata-se de resultados preliminares de uma pesquisa em desenvolvimento, como tese de Doutorado, vinculada ao Projeto ATEMS, que tem como objeto de investigação a toponímia indígena sul-mato-grossense.

<sup>7</sup> A respeito da metodologia do projeto ATEMS, mais especificamente a ficha lexicográfico-toponímica do projeto ATEMS consultar Dargel e Isquerdo (2020).

<sup>8</sup> O modelo taxionômico de Dick (1992, p. 31-34) contém 27 categorias, distribuídas em dois grandes campos: Taxionomia de natureza física (11 taxes) que remetem a motivações oriundas do meio ambiente em todos os aspectos que compõem sua formação – rios, córregos, dimensões, formações topográficas, árvores, animais etc.; Taxionomias de natureza antropocultural (16 taxes) que contemplam manifestações psíquicas, sociais e culturais do homem inserido num espaço social.

segundo elemento do composto, ou seja, como termo especificador no âmbito do sintagma toponímico (Fazenda Vale do *Sucuri*; Retiro Curva do *Maracujá*; Sítio Cantar do *Sabiá*).

Considerando esse quadro, foram adotadas duas perspectivas de agrupamento dos dados para fins de análise. A primeira foi destinada aos dados que se enquadram na categoria “i” apresentada no parágrafo anterior, ou seja, topônimos cuja estrutura favorece a análise da motivação, segundo o constructo teórico de Dick (1992), já que a classificação taxionômica dos topônimos toma como parâmetro o primeiro elemento do topônimo no caso de nomes compostos, no caso deste estudo de base indígena. A segunda perspectiva, por sua vez, considera os topônimos compostos híbridos em que o elemento indígena tem a função especificadora (categoria “ii”, aqui considerada). Topônimos com essa configuração ocorreram de forma significativa no *corpus* analisado e foram reunidos no Quadro 1 apresentado no Item 4, a seguir.

Sublinhe-se, por fim, que o conjunto de topônimos de cada município que se enquadra na categoria “i” foi organizado por meio de tabelas que informam a distribuição quantitativa dos dados segundo o tipo de acidente nomeado e de acordo com a taxa toponímica (DICK, 1992, p. 31-34) (Item 4). Na sequência, os dados são discutidos em termos qualitativos, considerando a taxa toponímica a que se enquadraram (Item 4).

#### **4. Análise dos dados do *corpus***

Os topônimos que nomeiam acidentes humanos e físicos rurais circunscritos aos quatro municípios que integram a microrregião de Paranaíba/MS somam **2.550** designativos – **1.740 (68.23%)** que nomeiam acidentes humanos (fazendas, retiros, sítios, chácaras etc.) e **810 (31.77%)** que denominam acidentes físicos (rios, córregos, cachoeiras, montes, ilhas etc.). Dos **2.550** topônimos, **2.276 (89.25%)** têm como língua de origem o português e **274 (10.75%)** originam-se de línguas indígenas (especificamente, do Tupi) e são subdivididos em **160 (58.39%)** acidentes humanos e **114 (41.61%)** acidentes físicos. A distribuição desses dados é apresentada na sequência, distribuídos segundo o município a que se vinculam.

#### 4.1 Aparecida do Taboado

O município de *Aparecida do Taboado* abriga um montante de **462** topônimos, **375** topônimos de natureza humana e **87** de natureza física dos quais **44** são de base indígena. A Tabela 1 reúne os topônimos com marca indígena distribuídos conforme o tipo de acidente nomeado – **10** que nomeiam acidentes físicos e **34** acidentes humanos – e segundo a taxionomia de Dick (1992). Na sequência os topônimos analisados são reunidos segundo a taxionomia a que se vinculam.

**Tabela 1:** Distribuição quantitativa dos topônimos indígenas de Aparecida do Taboado/MS, segundo o tipo de acidente nomeado e a taxionomia toponímica (DICK, 1992, p. 31-34)

<b>Acidentes Físicos</b>	<b>Número</b>	<b>Acidentes Humanos</b>	<b>Número</b>
Zootopônimos	6	Fitotopônimos	14
Fitotopônimos	3	Zootopônimos	14
Hidrotopônimo	1	Ecotopônimo	1
		Hidrotopônimo	1
		Etnotopônimo	1
		Sociotopônimo	1
		Não classificados	2
<b>Total</b>	<b>10</b>		<b>34</b>

**Fonte:** Elaboração das autoras

**1. Zootopônimos** (“topônimos de índole animal”) (DICK, 1992, p. 32) – **20** ocorrências: Fazenda *Seriema*; Fazenda *Jandaia*; Fazenda *Urutu*; Fazenda *Cutia*; Fazenda *Mutum*; Fazenda dos *Cupins*; Fazenda *Mandaguari*; Fazenda *Tangará*; Fazenda *Cateto* Alegre; Fazenda *Sabiá*; Fazenda *Caramuru*; Ø<sup>9</sup> *Cupins*; Fazenda dos *Cupins* da Matinha; Fazenda dos *Cupins* de Três Barras; Fazenda do *Cateto*; Córrego da *Arara*; Córrego *Cupins*; Córrego dos *Cupins*; Rural do *Cateto* e Córrego *Urutu*.

**2. Fitotopônimos** (“topônimos de índole vegetal”) (DICK, 1992, p. 31) – **17** ocorrências: Fazenda *Buriti*; Fazenda dos *Ypês*; Sítio *Sucupira*; Fazenda *Cambaúva*; Fazenda *Bacuri*; Fazenda *Guariroba*; Fazenda *Ipê*; Fazenda *Cajá*; Fazenda *Bacuri*; Sítio da *Pindaíba*; Sítio *Imbaúba*; Fazenda *Imbaúba*; Fazenda *Aroeira*; Fazenda *Capão Grande*; Ilha do *Sapé*; Córrego *Congonha* e Cabeceira dos *Capões*.

<sup>9</sup> Acidente geográfico não registrado no mapa.

3. **Hidrotopônimos** (“topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (DICK, 1992, p. 31) – **duas** ocorrências: Fazenda *Paraná* e Rio *Paraná* (Grande).
4. **Ecotopônimos** (“topônimos relativos às habitações de um modo geral”) (DICK, 1992, p. 33) – **uma** ocorrência: Fazenda *Taperão*.
5. **Sociotopônimos** (“topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho...”) (DICK, 1992, p. 34) – **uma** ocorrência: Fazenda *Jangadeiro*.
6. **Etnotopônimos** (“topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não” (DICK, 1992, p. 33) – **uma** ocorrência: Fazenda *Xingu*.
7. **Não classificados**<sup>10</sup> – **duas** ocorrências: Sítio *Arapó* e Fazenda *Cabajá*.

#### 4.2 Inocência

O montante de **737** topônimos pertencentes ao município de Inocência assim se distribuem em termos da natureza do acidente nomeado: **451** topônimos de natureza humana e **286** de natureza física, dentre os quais **75** são formados com itens lexicais de língua indígena que, na Tabela 2, foram também organizados conforme o tipo de acidente nomeado (físico e humano) – **37** que denominam acidentes físicos e **38** acidentes humanos – e conforme a taxionomia (DICK, 1992).

**Tabela 2:** Distribuição quantitativa dos topônimos indígenas de Inocência/MS, segundo o tipo de acidente nomeado e a taxionomia toponímica (DICK, 1992, p. 31-34)

<b>Acidentes Físicos</b>	<b>Número</b>	<b>Acidentes Humanos</b>	<b>Número</b>
Zootopônimos	16	Zootopônimos	12
Fitotopônimos	16	Fitotopônimos	12
Hidrotopônimos	1	Etnotopônimos	4
Ergotopônimos	2	Antropotopônimos	3
Ecotopônimos	2	Corotopônimos	2
		Geomorfotopônimos	2
		Ergotopônimo	2
		Ecotopônimos	1
<b>Total</b>	<b>37</b>		<b>38</b>

**Fonte:** Elaboração das autoras.

<sup>10</sup> “Não classificados” em virtude de ausência de fonte confiável acerca do significado do item lexical que deu origem ao topônimo na língua de origem.

- 1. Zootopônimos** (“topônimos de índole animal”) (DICK, 1992, p. 32) – **28** ocorrências: Fazenda *Jararaca*; Fazenda *Jararaca I*; Fazenda *Jararaca de Antônio Eloi A. Dias*; Fazenda *Jaú*; Fazenda *Maritaca*; Fazenda *Mutunzinho*; Fazenda *Mutum*; Fazenda *Perdiz*; Fazenda *Saracura*; Fazenda *Seriema*; Fazenda *Suçuarana*; Fazenda *Urutu*; Córrego *Inhaúma*; Córrego *da Mutuca*; Córrego *da Ouricaca*; Córrego *das Araras*; Córrego *do Arapuá*; Córrego *do Mutum*; Córrego *do Mutunzinho*; Córrego *do Tamanduá*; Córrego *do Tatu*; Córrego *dos Mutuns*; Córrego *Jararaca*; Córrego *Matuzinho*; Rio *Sucuriú*; Córrego *Sucurizinho*; Córrego *Quati* e Córrego *Jacaré*.
- 2. Fitotopônimos** (“topônimos de índole vegetal”) (DICK, 1992, p. 31) – **28** ocorrências: Fazenda *Bacuri*; Fazenda *Buritizal*; Fazenda *Indaiá*; Fazenda *Inhame*; Fazenda *Ipê*; Fazenda *Jacuba*; Fazenda *Japecanga*; Fazenda *Jatobá*; Fazenda *Samambaia*; Fazenda *Samambaia*; Fazenda *Taboca*; Sítio *Taboca*; Córrego *Buritizinho*; Córrego *Capão Limpo*; Córrego *da Mangaba*; Córrego *das Macaúbas*; Córrego *das Tabocas*; Córrego *do Buriti (2)*; Córrego *do Capão Alto*; Córrego *do Carandá*; Ribeirão *Indaiá Grande*; Córrego *do Buritizal*; Córrego *Capoeira*; Córrego *da Goiaba*; Rio *Indaiá Grande*; Córrego *Pindaibinha* e Córrego *Japecanga*.
- 3. Etnotopônimos** (“topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não”) (DICK, 1992, p. 33) – **quatro** ocorrências: Fazenda *Guaicurus*; Fazenda *Guaicurus*; Fazenda *Guarani* e Fazenda *Marambaia*.
- 4. Ergotopônimos** (“topônimos relativos aos elementos da cultura material”) (DICK, 1992, p. 33) – **quatro** ocorrências: Fazenda *Cauim*; Fazenda *Muquem II*; Córrego *do Tereré* e Córrego *Moquém*.
- 5. Antropotopônimos** (“topônimos relativos aos nomes próprios individuais”) (DICK, 1992, p. 32) – **três** ocorrências: Fazenda *Jurema*; Fazenda *Jurema* e Fazenda *Taiara*.
- 6. Ecotopônimos** (“topônimos relativos às habitações de um modo geral”) (DICK, 1992, p. 33) – **três** ocorrências: Fazenda *Tapera* e Córrego *Tapera (2)*.
- 7. Geomorfotopônimos** (“topônimos relativos às formas topográficas”) (DICK, 1992, p. 31) – **duas** ocorrências: Fazenda *Bocaina (2)*.

**8. Corotopônimos** (“topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes”) (DICK, 1992, p. 32) – **duas** ocorrências: Fazenda *Camapuã* e Fazenda *Ibitinga*.

**9. Hidrotopônimos** (“topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (DICK, 1992, p. 31) – **uma** ocorrência: *Córrego do Paraúna*

#### 4.3 Paranaíba

O município de Paranaíba, segundo o Sistema de Dados do Projeto ATEMS, reúne **1.141** topônimos que assim se distribuem em termos da natureza do acidente nomeado: **812** topônimos de natureza humana e **329** de natureza física, dentre eles, **129** são de base indígena. A Tabela 3 reúne em termos quantitativos o montante de topônimos indígenas que estão distribuídos segundo a natureza do acidente nomeado (físico e humano) – **51** nomes de acidentes físicos e **78** designativos de acidentes humanos – e de acordo com o modelo taxionômico de Dick (1992).

**Tabela 3:** Distribuição quantitativa dos topônimos indígenas de Paranaíba/MS, segundo o tipo de acidente nomeado e a taxionomia toponímica (DICK, 1992, p. 31-34).

<b>Acidentes Físicos</b>	<b>Número</b>	<b>Acidentes Humanos</b>	<b>Número</b>
Fitotopônimos	27	Zootopônimos	29
Zootopônimos	13	Fitotopônimos	30
Hidrotopônimos	3	Hidrotopônimos	3
Ecotopônimos	2	Mitotopônimos	5
Corotopônimo	3	Litotopônimos	1
Etnotopônimo	1	Etnotopônimos	2
Mitotopônimo	1	Ergotopônimos	2
Não Classificado	1	Corotopônimo	4
		Não Classificado	2
<b>Total</b>	<b>51</b>		<b>78</b>

Fonte: Elaboração das autoras.

**1. Fitotopônimos** (“topônimos de índole vegetal”) (DICK, 1992, p. 31) – **57** ocorrências: Fazenda *Aroeira* (2); Fazenda da *Aroeira* (2)<sup>11</sup>; Fazenda *Bacuri* (3); Fazenda dos *Bambus*; Fazenda *Buriti*; Fazenda do *Buriti*; Fazenda *Cambará*; Fazenda da *Guariroba*; Fazenda *Indaiá*; Fazenda *Ipê da Serra*; Fazenda *Jatobá*; Fazenda *Macaúba*; Fazenda *Macumã*; Fazenda do *Mucujé*; Fazenda da *Mumbeca*; Fazenda da *Mumbequinha*; Fazenda *Peroba*; Fazenda *Pindorama*; Fazenda *Pindorama II*; Fazenda *Sapé* (2); Fazenda do *Sapé*; Fazenda *Taboca*; Fazenda da *Taboca* (2); Fazenda do *Tamburi*; Córrego *Macaúba*; Córrego *Sapé* (2); Córrego *Buriti*; Córrego *Capão* (2); Córrego *Capoeira*; Ilha *Sapé*; Córrego *Jeribá*; Córrego *Macaúba*; Córrego *Maracujá*; Córrego *Mumbequinha*; Córrego *Tamburi*; Córrego do *Capão Limpo*; Córrego do *Cipó*; Córrego do *Mucujê*; Córrego *Mucujê*; Córrego *Mucujezinho*; Córrego da *Ouricana*; Córrego *Pindaíba*; Córrego *Samambaia*; Córrego da *Taboca* (2); Córrego da *Taboquinha*; Córrego *Mumbeca*; Córrego da *Mumbeca* e Córrego da *Mumbequinha*.

**2. Zootopônimos** (“topônimos de índole animal”) (DICK, 1992, p. 32) – **42** ocorrências: Fazenda *Arerê*, Fazenda *Ariranha*, Fazenda *Ariranha* de Agenor F. de Oliveira; Fazenda *Ariranha* de Anibal Vilela; Fazenda *Ariranha* de Euclides Garcia; Fazenda *Ariranha* de João Chaves; Fazenda *Ariranha* de João Rosa; Fazenda *Ariranha* de Manuel Ferreira; Fazenda *Ariranha* de Maria C. de Jesus; Fazenda *Ariranha* de Pedro Orci; Fazenda *Cateto*; Fazenda *Curicaca*; Fazenda *Irara* (4); Fazenda *Irara* de José A. Macedo; Fazenda *Irara* de José Modesto, Fazenda *Irara* de Manuel Vidal, Fazenda *Irara* de Peri Modesto, Fazenda *Irara* de Sebastião Modesto; Fazenda da *Irara* (2); Fazenda *Morumbi*; Fazenda *Mutum*; Fazenda *Mutum I*; Fazenda dos *Mutuns*; Fazenda do *Ouricana*; Fazenda *Tangará*; Lagoa *Arerê*; Córrego *Arerê*; Rio *Ariranha*; Córrego *Curica*; Córrego da *Curicaca*; Ribeirão do *Cancã*; Córrego dos *Tatus*; Córrego *Jataí*; Córrego *Mutuca* (2); Córrego *Mutuns*; Córrego *Quati* e Córrego *Irara*.

**3. Corotopônimos** (“topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes”) (DICK, 1992, p. 32) – **sete** ocorrências: Fazenda *Itapoá*; Córrego *Pindorama* (2); Fazenda *Guanabara* (2); Retiro *Guanabara* e Fazenda *Piracicaba*.

---

<sup>11</sup> No município de Paranaíba há quatro fazendas nomeadas com o topônimo **Aroeira**, duas sem preposição (Fazenda *Aroeira*) e duas com a preposição (Fazenda **da** *Aroeira*). Esclarece-se que todos os topônimos repetidos foram contabilizados de acordo com o número de ocorrências por nomearem propriedades diferentes com o mesmo nome, de acordo com os mapas do IBGE.

- 4. Hidrotopônimos** (“topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (DICK, 1992, p. 31) – **seis** ocorrências: Fazenda *Ipanema* (2); Fazenda *do Paraúna*; Rio *Paranaíba*; Córrego *Parauna* e Rio *Paraná*.
- 5. Mitotopônimos** (“topônimos relativos às entidades mitológicas”) (DICK, 1992, p. 33) – **seis** ocorrências: Fazenda *Tamandaré* (2); Sítio *Tamandaré*; Fazenda *Tamandaré* de Manuel Paula; Fazenda *Tamandaré* de Otavio Simões e Córrego *Tamandaré*.
- 6. Etnotopônimos** (“topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas)”) (DICK, 1992, p. 33) – **três** ocorrências: Fazenda *Aimoré*; Fazenda *Indiana* e Córrego *Cuete*.
- 7. Ergotopônimos** (“topônimos relativos aos elementos da cultura material”) (DICK, 1992, p. 33) – **duas** ocorrências: Fazenda *Jangada* e Sítio *Tupia*.
- 8. Ecotopônimos** (“topônimos relativos às habitações de um modo geral”) (DICK, 1992, p. 33) – **duas** ocorrências: Córrego *Tapera Velha* e Córrego *Tapera*.
- 9. Litotopônimos** (“topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo”) (DICK, 1992, p. 31-32) – **uma** ocorrência: Fazenda *Itauna*.
- 10. Não classificados** – **três** ocorrências: Fazenda *Araute*; Fazenda *Morimolo* e Córrego *Jaraguaiá*.

#### 4.4 Selvíria

Esse município abriga **210** designativos assim distribuídos conforme a natureza do acidente geográfico nomeado: **102** topônimos de natureza humana e **108** de natureza física, dentre os quais, **26** são de base indígena. Na Tabela 4, foram disponibilizados os topônimos de origem indígena assim distribuídos conforme o acidente nomeado – **16** nomes de acidentes físicos e **10** designativos de acidentes humanos – e de acordo com taxionomia toponímica (DICK, 1992).

**Tabela 4:** Distribuição quantitativa dos topônimos indígenas de Selvíria/MS, segundo o tipo de acidente nomeado e a taxionomia toponímica (DICK, 1992, p. 31-34)

Acidentes Físicos	Número	Acidentes Humanos	Número
Fitotopônimos	6	Zootopônimos	4
Zootopônimos	4	Fitotopônimos	4
Ecotopônimos	3	Corotopônimo	1
Hidrotopônimos	2	Ecotopônimo	1
Não Classificado	1		
<b>Total</b>	<b>16</b>		<b>10</b>

**Fonte:** Elaboração das autoras.

- 1. Fitotopônimos** (“topônimos de índole vegetal”) (DICK, 1992, p. 31) – **10** ocorrências: Retiro *Buriti*; Fazenda *Buriti* (2); Fazenda *Tarumã*; Córrego *Buriti* (3); Córrego *Pindaíba*; Córrego *Embarés* e Córrego *Pindaíba*.
- 2. Zootopônimos** (“topônimos de índole animal”) (DICK, 1992, p. 32) – **8** ocorrências: Fazenda *Araponga*; Fazenda *Arara*; Fazenda *Guanabi*; Fazenda *Jandaia*; Córrego *Jataí*; Rio *Sucuriú*; Córrego *Sucuri* e Córrego *Cateto*.
- 3. Ecotopônimos** (“topônimos relativos às habitações de um modo geral”) (DICK, 1992, p. 33) – **quatro** ocorrências: Fazenda *Taperão*; Córrego *Taperão*; Córrego *Tapera* e Córrego *Taperas*.
- 4. Hidrotopônimos** (“topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral”) (DICK, 1992, p. 31) – **duas** ocorrências: Represa *Jupiá* e Rio *Paraná*.
- 5. Corotopônimo** (“topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes”) (DICK, 1992, p. 32) – **uma** ocorrência: Fazenda *Goytacazes*.
- 6. Não Classificado** – **uma** ocorrência: Córrego *Imboraca*.

No *corpus* aqui analisado, **12** das categorias de Dick tiveram representação, **cinco** de natureza física e **sete** de cunho antropocultural, além de **seis** topônimos que não foram enquadrados no modelo adotado (*Arapó, Cabajá, Araute, Morimolo, Jaraguaiá e Imboraca*), em virtude de não terem sido localizadas fontes confiáveis que elucidassem o significado do item lexical investido de função toponímica (Cf. nota 10). As três categorias toponímicas mais produtivas nos quatro municípios em análise são de natureza física e são topônimos que valorizam espécies vegetais, animais e recursos hídricos: i) **fitotopônimos** com **112 ocorrências**; ii) **zootopônimos** com **98** casos e iii) **hidrotopônimos** com **11** ocorrências<sup>12</sup>. As demais taxionomias identificadas no *corpus* estão assim distribuídas em termos de número de ocorrências: *Ecotopônimos* (**10**), *Corotopônimos* (**10**), *Enotopônimos* (**8**), *Mitotopônimos* (**6**), *Ergotopônimos* (**6**), *Antropotopônimos* (**3**), *Geomorfotopônimos* (**2**), *Litotopônimos* (**1**) e *Sociotopônimos* (**1**).

Os **fitotopônimos**, a categoria mais produtiva, atestam a valorização, por parte do denominador, de plantas úteis para o seu cotidiano, seja pelo fornecimento de madeira (Fazenda *Aroeira*, Fazenda *Ype*, Sítio *Taboca*), seja pelo uso alimentar (córrego *Maracujá*, córrego *Indaiá*, córrego *Macaúba*, fazenda *Jatobá*, fazenda *Bacuri*, fazenda *Guariroba*), ou ainda pela utilidade da planta, como em córrego *Buriti*, tipo de palmeira cujas folhas são usadas nas coberturas das casas e as fibras, no artesanato. Em outras palavras, a grande incidência dos **fitotopônimos** justifica-se pela indiscutível importância dos vegetais para o homem, dando mostras de que a herança vocabular indígena, no léxico do português do Brasil, concentra-se, sobretudo entre os nomes relativos à vegetação, o que se reflete na toponímia.

Os dados analisados no âmbito deste trabalho ratificam, pois, a tese de que os topônimos motivados por elementos da flora são uma característica da toponímia de todo o território brasileiro. Nesse particular, Dick (1990, p. 145) ressalta que “o estudo da vegetação terrestre constitui, para o leigo, uma das mais árduas tarefas que se lhe possa propor, pela variedade das espécies que se entrecruzam em porções delimitadas do espaço geográfico analisado”.

---

<sup>12</sup> O Projeto ATEMS constatou, a partir do estudo dos topônimos rurais de acidentes físicos dos municípios sul-mato-grossenses, essas mesmas categorias como as mais produtivas só que na seguinte ordem: 1º lugar: **fitotopônimos**; 2º lugar: **hidrotopônimos** e 3º lugar: **zootopônimos**. Cf. a esse respeito os estudos de Cazarotto (2020); Figueiredo (2020) e Pereira (2020).

A segunda categoria mais produtiva no recorte toponímico analisado foi a dos **zootopônimos**. De acordo com Dick (1990, p. 263), a presença de animais entre as fontes motivadoras da toponímia brasileira reflete o fato de “os índios brasileiros dedicarem aos animais uma parte importante de sua cultura espiritual”. Como exemplos dessa categoria de topônimos citem-se, entre outros, Fazenda do *Cateto*, Córrego da *Arara*, Córrego *Cupins*, Córrego *Perdizes*, Fazenda *Jandaia*, Retiro *Periquitos*, Córrego *Jataí*, Rio *Sucuriú*, que valorizam espécies comuns na região que abriga esses topônimos. Observa-se, também entre os **zootopônimos**, que espécies comuns na fauna local funcionam como causa denominativa, tendência essa muito frequente tanto na toponímia sul-mato-grossense quanto no panorama toponímico das diferentes regiões brasileiras.

A terceira posição em termos de produtividade no *corpus* foi ocupada pelos **hidrotopônimos**, atestando a importância do elemento *água* como fator motivador na toponímia, essa característica marcante na toponímia é justificável pelo fato de a água ser um elemento indispensável para a sobrevivência humana.

Dick (1992, p. 66), ao discutir “os vocábulos toponímicos básicos de origem hidrográfica”, fornece um panorama de topônimos formados com o *água* em diferentes posições no sintagma toponímico: *Águas*, *Água Limpa*, *Águas Claras*, *Água Comprida* etc. Embora não tenha sido registrada no *corpus* analisado a presença de topônimos formados com a unidade lexical *água*, ocorreu o registro de **11** topônimos formados por itens léxicos que remetem ao elemento *água*, como em *Paraná* (semelhante ao mar, do Tupi); *Paranaíba* (rio ruim, do Tupi); *Ipanema* (água ruim, imprestável, do Tupi); *Paraúna* (rio negro, do Tupi); *Jupia* (remoinho que faz as águas de um rio, do Tupi), dentre outros.

Por fim, como anteriormente anunciado, os topônimos compostos híbridos com o segundo formante de base indígena que não foram computados para fins de classificação taxionômica, considerando que o primeiro formante do topônimo composto é o considerado para fins de classificação, foram reunidos no Quadro 1, a seguir, distribuídos segundo os quatro municípios que integram o espaço investigado.

**Quadro 1:** Topônimos compostos híbridos com formante de base indígena como elemento especificador

<b>Aparecida do Taboado</b>	<b>Inocência</b>	<b>Paranaíba</b>	<b>Selvíria</b>
(Foz) Rio <i>Paranaíba</i> ;	(Fazenda) Cabeceira do <i>Bocaina</i>	(Fazenda) Cabeceira do <i>Bacuri</i>	(Fazenda) Vale do <i>Sucuri</i>
(Ø) Passo da <i>Perereca</i>	(Fazenda) Cabeceira do <i>Moquém</i>	(Fazenda) Cabeceira do <i>Irara</i>	(Lagoa) Praia do Rio <i>Paraná</i>
(Rio) Grande ( <i>Jeticiá</i> )	(Fazenda) Cabeceira do <i>Mutunzinho</i>	(Fazenda) Cabeceira do <i>Ouricana</i>	
(Fazenda) Alto <i>Paraná</i>	(Fazenda) Córrego da <i>Goiaba</i>	(Fazenda) Barrinha do <i>Ariranha</i>	
(Retiro) Curva do <i>Maracujá</i>	(Fazenda) Córrego do <i>Mutum</i>	(Fazenda) Lagoa do <i>Araré</i>	
(Fazenda) Nova dos <i>Cupins</i>	(Cachoeira) do Rio <i>Indaiá</i>	(Córrego) Cabeceira da <i>Samambaia</i>	
(Ø) Barra das <i>Perobas</i>	(Fazenda) Reunidas do <i>Sucuriú</i>	(Fazenda) Barreirinho da <i>Ariranha</i>	
	(Córrego) Cabeceira da <i>Tapera</i>	(Fazenda) Barreiro da <i>Ariranha</i>	
	(Fazenda) Pouso do <i>Jaó</i>	(Ribeirão) Barreiro do <i>Ariranha</i>	
	(Fazenda) S. José do Córrego <i>Tapera</i>	(Fazenda) Alto <i>Bacuri</i>	
	(Fazenda) Santo Antonio do <i>Indaiá</i>	(Fazenda) Alto da <i>Ariranha</i>	
	(Fazenda) S. Luiz do <i>Sucuriú</i>	(Fazenda) Morro do <i>Ipê</i>	
	(Fazenda) S. José <i>Bocaina</i>		
	(Fazenda) Rei dos <i>Ipês</i>		
	(Fazenda) Pontal do <i>Indaiá</i>		
	(Fazenda) Nova <i>Xavantina</i>		
	(Sítio) Cantar do <i>Sabiá</i>		
	(Córrego) dos Três <i>Buritis</i>		

**Fonte:** Elaboração das autoras.

Os resultados aqui apresentados atestam o significativo legado do Tupi no léxico do português brasileiro e, por extensão, na toponímia, sendo esse traço uma marca identificadora da toponímia brasileira. Os dados aprofundam ainda a importância dos estudos toponímicos, justificada também por recuperarem múltiplas informações sobre a região investigada, o que fornece pistas sobre a análise da motivação dos nomes de lugares.

## Considerações finais

Este estudo teve como propósito examinar aspectos da herança vocabular indígena incorporada ao sistema toponímico, mais especificamente na nomeação de espaços geográficos rurais pertencentes à microrregião de Paranaíba, estado de Mato Grosso do Sul.

A análise dos dados demonstrou a predominância das taxes de natureza física no universo toponímico examinado, o que pode ser justificado pela relação de proximidade entre o homem e o meio, como é o caso dos topônimos que remetem a elementos do ambiente, em especial, à flora, à fauna e à hidrografia. Justifica-se, assim, terem sido os fitotopônimos, os zootopônimos e os hidrotopônimos as taxes toponímicas com maior índice de ocorrência entre os 12 tipos identificados no corpus estudado.

A maior produtividade de topônimos motivados por elementos da flora e da fauna atesta a contribuição indígena para o léxico do português brasileiro, no que se refere à parcela incorporada pela toponímia. No caso da toponímia sul-mato-grossense, os nomes de plantas e de animais fornecidos pela população nativa aos colonizadores nos primeiros contatos com as populações autóctones também se perpetuam na toponímia.

Sublinhe-se também o significativo contingente de topônimos formados por unidades lexicais de base indígena em topônimos de estrutura simples (Córrego *Taperas*) e em nomes compostos híbridos, seja com o primeiro formante de origem indígena (Fazenda *Ariranha* de João Rosa), seja com a presença de item léxico oriundo de línguas ameríndias em outras posições da estrutura do sintagma toponímico (Fazenda Santo Antonio do *Indaiá*; Fazenda Alto da *Ariranha*).

Em síntese, o estudo ratificou que a pesquisa toponímica ultrapassa o estudo de palavras, de etimologias, de significados retirados de dicionários. Por meio deste estudo foi possível recuperar aspectos etnolinguísticos e históricos das regiões estudadas, ratificando que o estudo dos nomes de lugares permite abstrair aspectos dos sentimentos do denominador, a sua expectativa frente à realidade e a maneira como o seu grupo lê e interpreta a realidade.

## REFERÊNCIAS

- ATEMS – **Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul**. (2017). Sistema de Dados. Campo Grande: UFMS (acesso restrito).
- BORDONI, Orlando. **Dicionário**. A língua tupi na geografia do Brasil. Campinas (SP): Gráfica Muto Ltda, (s/d).
- CARDOSO, Levy. **Toponímia brasílica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.
- CAZAROTTO, Suely Aparecida. **Fitotopônimos**: influência da vegetação no processo de nomeação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **TOPONÍMIA**. Tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul. V. II. Campo Grande: Editora UFMS, 2020, p. 65-91. Série Toponímia (no prelo).
- CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 5. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- DALGEL, Ana Paula Tribesse Patrício; ISQUERDO, Aparecida Negri. Projeto ATEMS: parâmetros metodológicos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **TOPONÍMIA: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul**, v. 2. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2020, p. 21-66 (Série Toponímia) (no prelo).
- DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. **Origens históricas da toponímia brasileira**: os nomes transplantados. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 24, p. 75-96, 1982. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i24p75-96>. Acesso em 21 mar. 2020.
- DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.
- DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. **Toponímia e Línguas Indígenas do Brasil**. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 435-436, dez. 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n22/59.pdf>>. Acesso em 21 mar. 2020.
- DRUMOND, Carlos. **Contribuição Bororo à toponímia brasílica**. São Paulo: Editora da USP, 1965.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. **Os hidrotopônimos de Mato Grosso do Sul**: o que os dados do ATEMS revelam. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **TOPONÍMIA. Tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul. V. II.** Campo Grande: Editora UFMS, 2020, p. 93-119. Série Toponímia (no prelo).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Vários acessos.

ISQUERDO, Aparecida Negri; FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. **Corotopônimos na toponímia sul-mato-grossense**: reflexões teórico-metodológicas. *Papéis*, Campo Grande, v. 16, n. 31, Especial ABRALIN, 2012. Disponível em: [http://www.papeis.ufms.br/Revista\\_Papeis\\_V16\\_N31.pdf](http://www.papeis.ufms.br/Revista_Papeis_V16_N31.pdf). Acesso em 22 jun.2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Herança lusa na toponímia de municípios da região Norte do Brasil**: perspectivas linguística e sócio-histórica. COLUCCIA, Rosario; BRINCAT, Joseph M.; MÖHREN, Frankwalt (éd.) (2016): *Actes du XXVIIe Congrès international de linguistique et de philologie romanes* (Nancy, 15-20 juillet 2013). Section 5: Lexicologie, phraséologie, lexicographie. Nancy/France: ATILF/SLR, 2016, p. 315-328. Disponível em: <http://www.atilf.fr/cilpr2013/actes/section-5.html>. Acesso em 22 mar. 2019.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário de tupi antigo**: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

PEREIRA, Renato Rodrigues. Zootopônimos: a fauna e seu reflexo na toponímia de Mato Grosso do Sul. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **Toponímia. Tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul. V. II.** Campo Grande: Editora UFMS, 2020, p. 121-136. Série Toponímia (no prelo).

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**. 3. ed. Bahia: Secção Graphica da escola de Aprendizes Artificies, 1928.

SOUZA, Bernardino José de. **Dicionário da terra e da gente do Brasil**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1961.

TIBIRIÇÁ, Luíz Caldas. **Dicionários de topônimos de origem tupi**: significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço Editora, 1985.

TIBIRIÇÁ, Luíz Caldas. **Dicionário Guarani Português**. São Paulo: Traço Editora. 1989.